

## 7. CONCLUSÃO

Durante a Idade Média, o acesso aos mapas-múndi era um privilégio de eclesiásticos, príncipes e eruditos. Mas, a partir da “Era Guttemberg”, que se caracterizou pelo advento da imprensa – inventada em 1450, pelo tipógrafo também de Nuremberg, na Alemanha, Johannes Gensfleisch, conhecido em Portugal como Johannes Guttenberg –, o acesso aos relatos de naufrágios, a literatura de viagens, e a cartografia dos descobrimentos marítimos ibéricos através dos oceanos Atlântico e Índico nos séculos XV e XVI, ampliou entre o público leigo. “No âmbito da representação gráfica do mundo e suas partes, o grande mérito foi a socialização da cartografia: desde então o homem comum teve acesso ao mapa pela primeira vez”<sup>1</sup>.

A invenção dos Atlas também “possibilitou a impressão de um grande número de exemplares, permitindo a divulgação rápida das informações geográfica provenientes dos descobrimentos das novas terras”<sup>2</sup>. O primeiro cartógrafo a denominar um conjunto de mapas-múndi com esse nome foi o holandês Abraham Ortelius, que, em 1570, publicou o Atlas *Theatrum Orbis Terrarum*. Em 1595, o alemão Gerhard Kaufmann – que, em latim, significa mercador –, conhecido como Mercator, publicou o *Atlas sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica Mundi et Fabrica Figure*. As idéias de teatro, de cenário, de fábrica, significam que os homens dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Atlântico e Índico nos séculos XV e XVI, mais do que homens de completude, são homens de ação.

### A imprensa

“Revolucionou todos os campos do conhecimento humano, tornando-se um dos pilares da Renascença, movimento de renovação que transformou a visão do homem sobre o meio em que vivia e suas próprias relações com o mesmo”<sup>3</sup>,

e se tornou um veículo de poder, móvel, de divulgação do imaginário, criado em terras européias, sobre as novas terras e os novos homens da África, da Ásia e

<sup>1</sup> Isa ADONIAS e Bruno FURRER. *Op. Cit.* p. 37.

<sup>2</sup> *Idem. Ibidem.* p. 37.

<sup>3</sup> *Idem. Ibidem.* p. 37.

América. A história da cartografia é também a história de como diferentes sociedades tem visto a si mesma em relação ao resto do mundo. Cada mapa, ainda, atua como uma reflexão das visões da sociedade na qual ele foi criado bem como das visões do tempo no qual ele foi produzido.<sup>4</sup>

Mas, “conforme se alargavam os horizontes do espaço geográfico, também aumentava o fascínio pelas coisas maravilhosas que albergavam”.<sup>5</sup>

“Se os mapas nos demonstram os progressos incontestáveis do conhecimento da Terra, quer se trate da forma e das localizações dos continentes, das ilhas, dos oceanos e dos mares, quer ainda de suas dimensões, as gravuras, as litografias, as pinturas e um grande número de textos garantem a desforra explosiva do imaginário na visão do mundo. O mais espantoso é que os mesmos homens que participam, por suas viagens, suas anotações topográficas, seus relatos, de uma representação cada vez mais exata do nosso planeta, são também, com muita frequência, os que reativam, rejuvenescem, insuflando-lhe uma nova vida, tradições ou mitos muito antigos, que vem da Bíblia ou da Antiguidade pagã”.<sup>6</sup>

Portanto,

“Existia, de um lado, um visão ‘científica’ de que eram detentores os geógrafos, matemáticos e filósofos, corrigida pela experiência dos marinheiros e dos cartógrafos. E, de outro lado, uma visão mítica elaborada pelas mensagens dos textos sacros e por relatos fantásticos, que constituíam uma chave de leitura do mundo”.<sup>7</sup>

“Os homens acreditavam e precisavam acreditar. O mito fundamental do Ocidente anda não tinha estabelecido o seu sacrossanto império: a racionalidade, ou melhor, ainda, a razão. Porque o método experimental ainda não nascera, porque a dúvida metódica ainda não ganhara direitos de alforria, porque o discurso do método ainda não fora feito, porque esse mesmo discurso ainda não se aplicara sistematicamente, porque ainda vinham longe os tempos do espírito crítico. Mas os descobrimentos e a expansão européia foram um dos meios que a isso conduziram”.<sup>8</sup>

Isso acontece porque a Idade Moderna

<sup>4</sup> Cf. Jeremy BLACK. *Op. Cit.*

<sup>5</sup> Maria Adelina AMORIM. *Op. Cit.* p. 132.

<sup>6</sup> Bartolomé BENASSAR. *Op. Cit.* p. 90.

<sup>7</sup> *Idem. Ibidem.* p. 86.

<sup>8</sup> João da Rocha PINTO. *Op. Cit.* 1993. p. 44.

“Não é o resultado de uma sociedade que, repentinamente, rompeu com a estagnação medieval e foi bruscamente iluminada pela claridade do renascimento. Se a Europa se lança nessa aventura, não é sob o efeito do toque da varinha mágica de um Renascimento autoproclamado”.<sup>9</sup>

A conjunção desses acontecimentos no final do século XIV não foi obra do acaso, mas o resultado de uma série de “renascimentos” que aconteceram durante a longa Idade Média. “A longa Idade Média, *em seu conjunto*, é um período de profundas transformações quantitativas e qualitativas”.<sup>10</sup> Há vários “renascimentos” dentro da Idade Média - o próprio conceito de *modernus* surge na Idade Média, no século V - como o “renascimento carolíngio”, com Carlos Magno, no século VIII, o “renascimento” no final do século XI, depois do Ano Mil, quando o mundo não acabou, e no século XII, conhecido como o “Despertar do Século XII”, e o Renascimento artístico italiano nos séculos XV e XIV.

Porque é impossível que mil anos de história representem uma Idade homogênea. O conceito de Jacques Le Goff “de uma longa Idade Média supera, ou melhor, apaga a falsa ruptura de um século XVI, de um Renascimento que seria a negação e que a remeteria às trevas do obscurantismo”.<sup>11</sup> A idéia de que a Idade Média teria se estendido até o final do século XVIII - incluindo as descobertas marítimas, a Reforma, e até a Revolução Francesa, já que “as mesmas estruturas fundamentais persistem na sociedade europeia do século IV ao século XIX”<sup>12</sup>-, desmistifica a idéia de uma “Idade das Trevas”. E de

“Uma antiga concepção tripartida do tempo histórico, ou seja, sua divisão em idades ou eras sucessivas, cronologicamente, conforme tradição que remonta ao século XVII: temos, então, a existência de três tempos ou idades: Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna”.<sup>13</sup>

“Toda periodização é uma convenção artificial, em parte arbitrária, e enganadora”.<sup>14</sup>

A História denomina os momentos de passagem de Revoluções, no sentido de uma transformação. Mas uma Revolução, no sentido astronômico do termo,

<sup>9</sup> Jérôme BASCHET. *Op. Cit.* p. 33.

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem.* p. 44.

<sup>11</sup> Jacques LE GOFF. *Op. Cit.* 2005. p. 17.

<sup>12</sup> Jérôme BASCHET. *Op. Cit.* p. 44.

<sup>13</sup> Antonio Edmilson RODRIGUES; Francisco FALCON. *Op. Cit.* p. 1.

<sup>14</sup> Georges DUBY (org.). *Op. Cit.* p. 33.

nada mais é do que a volta de  $360^0$ , um ciclo, que a Terra dá em torno de si mesma e do Sol, no intervalo de tempo de um dia. Ou seja, as discontinuidades que marcam a passagem da Idade Média para a Idade Moderna acontecem dentro de um quadro de continuidades, de ininterrupções. Os homens renascentistas viviam na confluência de duas idades, mais fechados em seus *interiores oculi*, do que abertos à “terra à vista”. Os limites cronológicos entre o fim de uma Idade Média que ainda não terminou, e o início de uma Idade Moderna ainda por definir, são pouco precisos. Portanto, a ruptura entre uma Idade Média estigmatizada pelas trevas e uma Idade Moderna que evoluiria em direção às luzes, é uma periodização feita, *à posteriore*, pela historiografia do século XVII.

Portanto, os navegadores dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Atlântico e Índico foram oxigenados pela *Geographia* de Ptolomeu e pelo modelo ptolomaico antigo, pelos *Imago Mundi* ou mapas “T/O” e pelas cartas-portulanos medievais, pelos *physiologus* antigos, pelo *Gênesis* e pelo *Apocalipse* do Antigo e do Novo Testamento da Bíblia, pelas hagiografias medievais, pelos bestiários medievais, pelo *O Livro de Marco Polo*, pelas *Viagens de Mandeville*, pela *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, e pelo intercâmbio comercial, científico e cultural com povos judeus e mouros da Península Ibérica, do Norte África, com os povos orientais da Índia, da China e do Japão, com o negro do Sul da África e com o índio da América.

E trouxeram à tona as Sete Maravilhas do Mundo – as Pirâmides do Egito, as Muralhas e os Jardins Suspensos da Babilônia, o Mausoléu de Halicarnasso, o Zeus de Olímpia, o Templo de Artemisa em Éfeso, o Colosso de Rodas e o Farol de Alexandria –, o Continente perdido da Atlântida, as Muralhas de Tróia, a Muralha da China, a Torre de Babel, a Arca de Noé do Dilúvio, os povos *Gog* e *Magog*, a Cruz do Calvário, o Santo Graal, a tribo das Amazonas, a Serra das Esmeraldas, o Eldorado, o túmulo de São Tomé, o Reino de Prestes João, o “Paraíso Terrestre” e outras *mirabilia*, que vão ser representadas na cartografia dos séculos XV e XVI.